

Mesmo com avanços na representatividade, homens ainda priorizam autores do mesmo gênero, reflexo de estereótipos antigos que moldam o mercado editorial e a formação dos leitores

POR GIOVANNA KUNZ

**A**s mulheres conquistaram um espaço de prestígio na literatura. Contudo, pesquisas apontam que ainda existem barreiras a serem enfrentadas pelas escritoras, especialmente a resistência por parte dos homens em ler livros que não tenham sido escritos pelo sexo masculino. Diante disso, as mulheres criam estratégias para impulsionar autoras, mas, mesmo assim, dados mostram que os hábitos de leitura feminino continuam mais equilibrados.

Uma pesquisa realizada no Reino Unido pela Nielsen BookData, empresa que se concentra na medição do mercado de vendas de livros no varejo, analisou quase 54.000 compras durante o ano de 2023 e mostrou que os livros das 20 escritoras de ficção e não ficção mais vendidas, como Agatha Christie, Harper Lee, Colleen Hoover, Taylor Jenkins Reid, Lisa Jewell e a autora de não ficção Rhonda Byrne, tiveram menos de 20% de compradores homens. Por outro lado, 44% das vendas dos escritores de ficção e não ficção mais vendidos, como George Orwell, Charles Dickens, Stephen King, James Patterson, príncipe Harry, Robert Kiyosaki e James Clear, foram feitas por mulheres.

Apesar dos dados serem exclusivamente do Reino Unido, eles mostram uma tendência cultural global e antiga de homens darem preferência para autores. As escritoras brasileiras Maria Amélia Eloi, 51 anos, e Mariana Negreiros, 22 anos, afirmam que questões de representatividade, identificação e outras barreiras de gênero permeiam todo o universo literário. Com quatro livros e outros projetos publicados, Maria Amélia utiliza a literatura para levantar questões sociais, especialmente em crônicas, poemas e livros infantis.

Em seu livro mais recente, uma coletânea de contos publicada em 2024, *Sem Cabimento*, ela apresenta diferentes realidades e aborda assuntos como autoestima, etarismo, maternidade, paixão, desejo, dor, violências, injustiças sociais e preconceito. Mesmo a obra não sendo voltada exclusivamente para mulheres, a escritora afirma que seu público é quase completamente feminino. “Comentários, resenhas e menções ao livro e aos textos que publico na internet também são quase sempre feitos por mulheres”, conta.



Mariana Negreiros, 22 anos, tem seis livros publicados, mas sofre com a desvalorização da literatura

# Entre linhas e barreiras

**“Muitos homens só conseguem enxergar e amar o que é feito por homens”**

**Dilemas e obstáculos**

A jovem Mariana Negreiros iniciou a carreira aos 14 anos e, hoje, possui seis livros publicados, entre romances e livros infantojuvenis. De acordo com a autora, as mulheres consomem mais os livros dela. Porém, acredita que isso se deve ao fato de ela

escrever majoritariamente romances. Além disso, a escritora nota que, quando crianças, o sexo masculino é aberto para leitura, mas durante a adolescência e a vida adulta, esse hábito se torna mais frequente entre o público feminino. “Acredito que muito da leitura é visto como uma coisa de menininha.”

**Ciclo vicioso**

A mestra em direitos sociais e políticas públicas, especialista em teorias feministas, bacharela em direito e fundadora da editora feminista Blimunda, Bruna Schindwein Zeni, afirma que o início da adolescência é exatamente a fase em que as meninas mantêm ou aumentam o ritmo de leitura e os meninos abandonam os livros de ficção que os encantaram na infância.